

LIÇÃO 12 - Duas Razões Pelas Quais Alguns Identificam a Verdade com as Aparências

TEXTO DE ARISTÓTELES Capítulo 5: 1009b 12-1010a 15

158. E, em geral, é porque esses filósofos pensam que a descrição é a percepção sensorial, e que esta, por sua vez, é alteração, que eles dizem que o que aparece aos sentidos é necessariamente verdadeiro.
159. Pois é por essas razões que tanto Empédocles quanto Demócrito e, provavelmente podemos dizer, todos os outros filósofos se envolveram em tais opiniões. Pois Empédocles também diz que quando os homens mudam sua condição, mudam seu conhecimento, “pois o entendimento varia nos homens em relação ao que é visto”, segundo ele. E em outro lugar ele diz: “Na medida em que eles são transformados em uma natureza diferente, nessa medida é próprio deles sempre pensar outros pensamentos”. E Parmênides também fala da mesma maneira: “Pois assim como cada um tem sua mistura de membros de muitas juntas, assim o intelecto está presente nos homens; pois é a mesma coisa, a natureza dos membros, que exerce descrição nos homens — em todos e em cada um; pois aquilo que é mais é intelecto”. Anaxágoras também é relatado como tendo dito a alguns de seus companheiros que as coisas eram para eles como eles as pensavam ser. E os homens também dizem que Homero sustentou essa visão, porque fez Heitor, após ter sido atordoado pelo golpe, pensar outros pensamentos; implicando que pessoas de mente sã e insã ambas pensam, mas não os mesmos pensamentos. É evidente, então, que se ambos esses estados de espírito são formas de conhecimento, os seres também devem ser e não ser ao mesmo tempo.
160. Portanto, a conclusão deles acaba sendo a mais grave. Pois, se aqueles que viram com mais clareza a verdade que é possível para nós termos (e estes são os que mais a buscam e amam) sustentam tais opiniões e expressam tais visões sobre a verdade, como não seria inadequado que aqueles que estão tentando filosofar abandonassem a tentativa? Pois buscar a verdade será como perseguir pássaros.
161. Ora, a razão pela qual esses homens sustentaram essa opinião é que, enquanto investigavam a verdade sobre os seres, pensavam que apenas as coisas sensíveis existem; e nestas está presente muito da natureza do indeterminado, i.e., o tipo de ser que descrevemos (355). Portanto, embora falem de maneira plausível, não dizem o que é

verdadeiro; pois é mais plausível falar como eles fizeram do que como Epícarmo fez a Xenófanes.

162. Além disso, como viram que todo o mundo natural está em movimento, e que não podemos dizer nada verdadeiro sobre o que está sofrendo mudança, chegaram à conclusão de que é impossível dizer algo verdadeiro sobre o que está sempre mudando completamente. Pois foi dessa visão que floresceu a mais extrema das opiniões mencionadas acima; isto é, a opinião sustentada por aqueles que se dizem heraclitianos, e tal como Crátilo expressou, que finalmente pensou que não deveria dizer nada, mas apenas mover o dedo, e criticou Heráclito por dizer que é impossível entrar no mesmo rio duas vezes; pois ele próprio pensou que isso não poderia ser feito nem uma vez.

COMENTÁRIO

172. Ele apresenta a razão pela qual esses filósofos adotaram a posição anterior. Primeiro (358:C 672), mostra como a percepção sensorial forneceu uma razão para adotar essa posição; e segundo (361:C 681), como os objetos sensíveis forneceram outra (“Agora, a razão”).

Em relação à primeira parte, ele faz três coisas. Primeiro, explica como a percepção sensorial forneceu uma razão para adotar essa posição. Segundo (359:C 674), relata as opiniões de diferentes homens que têm essa razão como base comum (“Pois é”). Terceiro (360:C 680), ataca essas opiniões (“Portanto, sua conclusão”).

Ele diz, então, primeiro (158), que os antigos opinavam que a descrição, isto é, a sabedoria ou a ciência, é meramente percepção sensorial; pois não faziam qualquer distinção entre sentido e intelecto. Ora, a percepção sensorial ocorre através de uma certa alteração de um sentido em relação aos objetos sensíveis. E assim o fato de um sentido perceber algo resulta da impressão que uma coisa sensível causa no sentido. Portanto, uma percepção sensorial sempre corresponde à natureza do objeto sensível tal como ele aparece. Consequentemente, segundo esses pensadores, tudo o que aparece aos sentidos é necessariamente verdadeiro; e, como devemos acrescentar que todo conhecer é sensorial, segue-se que tudo o que aparece de qualquer maneira a alguém é verdadeiro.

173. Mas esse argumento falha, não apenas porque sustenta que sentido e intelecto são idênticos, mas também porque afirma que o juízo que um sentido faz sobre os objetos sensíveis nunca é falso. Pois, embora um sentido possa errar sobre objetos sensíveis comuns e acidentais, não o faz em relação ao seu objeto sensível próprio, exceto talvez quando o órgão sensorial está indisposto. E, embora um sentido seja alterado por seu objeto sensível, o juízo de um sentido não precisa se conformar às condições do objeto sensível; pois não é necessário que a ação de um agente seja recebida no paciente segundo o modo de ser do agente, mas apenas segundo o modo do paciente ou sujeito. É por isso que um sentido às vezes não está disposto a receber a forma de um objeto sensível segundo o modo de ser que a forma tem no objeto sensível, e, portanto, às vezes julga uma coisa de maneira diferente do que ela realmente é.

174. Pois é (359).

Ele apresenta as opiniões que diferentes homens sustentavam pelas razões mencionadas acima. Ora, todas as afirmações desses homens que ele aduz implicam duas coisas: primeiro, que o intelecto é idêntico ao sentido; segundo, que toda aparência é verdadeira. Assim, ele diz que é pelas razões mencionadas acima que Empédocles e Demócrito e cada um dos outros filósofos se envolveram em tais opiniões sobre a realidade “provavelmente podemos dizer”, isto é, podemos conjecturar com base em suas afirmações.

175. Pois Empédocles disse que aqueles que mudam “sua condição”, i.e., alguma disposição corporal, também mudam seu entendimento; implicando que o intelecto, ao qual pertence o conhecimento, depende de uma condição do corpo, assim como um sentido. Pois o entendimento aumenta nos homens “em relação ao que é visto”; isto é, um aumento no conhecimento ocorre em um homem pelo fato de que algo novo começa a aparecer para ele, e isso ocorre como resultado de alguma mudança em uma disposição corporal. Outra tradução afirma isso mais claramente, dizendo: “Pois o propósito ou a decisão se desenvolve no homem em relação ao que está à mão”; como se dissesse, de acordo com as diferentes disposições que estão realmente presentes nos homens, novas decisões ou novos propósitos ou novos juízos se desenvolvem neles. E a implicação é que a decisão ou propósito não depende de qualquer poder intelectual no homem além dos sentidos, mas apenas de uma disposição do corpo, que é mudada com a presença de coisas diferentes. Mas em outras obras suas, Empédocles diz que, na medida em que a alteração ocorre, isto é, na medida em que os homens são mudados para outra disposição corporal, nessa medida, ele diz, há sempre reflexão neles; isto é, pensamento, preocupação ou planejamento surge neles proporcionalmente. Esta tradução é difícil de entender, mas outra expressa essa noção mais claramente, dizendo: “na medida em que os homens foram mudados, nessa medida eles são sempre determinados a pensar outros pensamentos ou mesmo tolos”. Ou, segundo outro texto, “É próprio deles [sempre pensar outros pensamentos]”, como se dissesse que, na medida em que um homem é mudado em alguma disposição corporal, nessa medida sua perspectiva básica é diferente — implicando que ele tem um entendimento diferente e uma perspectiva diferente.
176. Em seguida, ele apresenta a opinião de Parmênides sobre esta matéria. Ele diz que Parmênides fala sobre a verdade das coisas da mesma forma que Empédocles, pois Parmênides diz que, assim como cada homem tem uma disposição de membros articulados, ou “de membros com muitas juntas”, segundo outro texto, assim o intelecto está presente nos homens; implicando que há uma grande variedade e circunvolução nos membros do homem para que tal disposição de membros possa ser ajustada para a operação do intelecto, que depende da maneira como os membros são combinados, segundo ele. Pois ele diz que é a mesma coisa “que cuida”, i.e., que tem o cuidado ou supervisão dos membros por causa da natureza dos membros, e que está “em cada”, i.e., nas partes individuais do universo, e “em todos”, i.e., no universo inteiro. Contudo, na medida em que está presente no universo inteiro e em suas partes individuais e nos homens, é designada por diferentes nomes. No universo inteiro é chamada de Deus, nas partes individuais é chamada de natureza, e nos homens é chamada de pensamento. Assim, está presente em maior grau no homem do que nas outras partes do universo; pois no homem este poder pensa como resultado da maneira determinada com que seus membros são combinados, mas isso não se aplica no caso de outras coisas. Nesta afirmação, ele também quer que se entenda que o pensamento é resultado da maneira

como o corpo é composto, e assim não difere da percepção sensorial. Outra tradução afirma isso mais claramente, dizendo: “Pois é a mesma coisa, a natureza dos membros, que exerce discrição nos homens — em todos e em cada um; pois o que é mais é intelecto”.

- 177. Em seguida, ele apresenta a opinião de Anaxágoras, que a expressou a alguns de seus companheiros e amigos e fez com que a memorizassem, ou seja, que as coisas são para eles como eles as tomam ou acreditam que sejam. Este é o segundo ponto tocado nessas afirmações dos filósofos, a saber, que a verdade depende da opinião.
- 178. Em seguida, ele apresenta a visão de Homero, que parecia ser da mesma opinião segundo o que as pessoas diziam dele. Pois em sua história ele fez Heitor ficar, por assim dizer, em transe devido ao golpe que havia recebido, “demorando-se em outro lugar”, i.e., para pensar outros pensamentos do que havia pensado antes, ou, segundo outro texto, para ter uma opinião diferente da que tinha antes; como se, demorando-se e não se demorando, i.e., no estado em que jazia após ter sido derrubado, ele pensasse e não pensasse, embora não sobre a mesma coisa. Pois ele conhecia aquelas coisas que então lhe apareciam, mas não aquelas que conhecera antes, e então deixara de conhecer. Outra tradução expressa a ideia assim: “Implicando que pessoas de mente sã e insã pensam, mas não os mesmos pensamentos”; como se dissesse que, assim como isso é verdade para Heitor, que tinha opiniões estranhas após o golpe, também é possível que outros tenham opiniões sãs e tolas ao mesmo tempo, embora não sobre as mesmas coisas, mas sobre coisas diferentes.
- 179. Ora, de todas as visões anteriores dos filósofos, ele tira sua conclusão pretendida de que, se ambos os estados de espírito constituem conhecimento, i.e., aqueles estados em que um homem pensa coisas contrárias quando é mudado de um estado para outro, segue-se que tudo o que alguém pensa é verdadeiro; pois o conhecer não consistiria em pensar o que é falso. Portanto, segue-se que os seres são igualmente assim e não assim.
- 180. Portanto, sua conclusão (360).

Aqui ele ataca os filósofos mencionados acima. Ele diz que a conclusão que eles tiraram é a mais grave. Pois, se aqueles que viram a verdade mais claramente, na medida em que é possível ao homem vê-la (a saber, os filósofos anteriores, que são também os que mais a amam e buscam), oferecem tais opiniões e visões sobre a verdade, como é inadequado que esses filósofos se entristeçam com a ineficácia de seu estudo se a verdade não pode ser encontrada? Outro texto diz: “Como é inadequado que aqueles que tentam filosofar desistam ou abandonem a tentativa?”, i.e., que um homem não se apegue àqueles que querem filosofar, mas os despreze. Pois, se um homem não pode saber nada sobre a verdade, buscar a verdade é buscar algo que ele não pode alcançar. Na verdade, ele se assemelha a alguém que persegue ou caça pássaros; pois quanto mais os persegue, mais eles se distanciam dele.

- 181. Agora, a razão (361).

Ele indica como as coisas sensíveis influenciaram essa opinião, i.e., como forneceram uma base para a posição mencionada acima. Pois, como as coisas sensíveis são naturalmente anteriores aos sentidos, as disposições dos sentidos devem depender daquelas das coisas sensíveis. Ele dá duas maneiras pelas quais as coisas sensíveis forneceram uma base para essa posição. A segunda (362) é tratada nas palavras: “Além disso, como eles”.

Revision #1

Created 7 September 2026 23:40:29 by Admin

Updated 7 September 2026 23:40:47 by Admin